

Isilda Pelicano, aluna finalista do curso de design de moda do IADE, foi a vencedora deste ano do concurso nacional de "styling" para 21 escolas de todo o mundo, promovido pela Smirnoff. Em 29 de Maio vai representar Portugal no Smirnoff Fashion Award, em Amsterdão. Com a "New Age" como tema de fundo, Isilda criou um modelo com uma filosofia muito própria: «esse modelo é constituído por peças soltas, para fazer novas composições e formar assim um máximo de conjuntos, possíveis de usar em todas as estações do ano».

Um princípio que pretende aplicar na colecção de Inverno 92/93 que se propõe lançar no final do curso. «Vão ser oito modelos, exclusivamente pensados para a mulher executiva. Aquela que tem necessidade de andar bem vestida mas que não tem tempo para isso». Até lá vai-se ocupando com o fardamento hospitalar começou com as voluntárias de Oncologia do núcleo regional do sul e conseguiu «vender» a ideia da importância da imagem dentro do hospital. «Hoje em dia», explica, «não basta ser-se bom profissional, é essencial ser-se inovador para marcar a diferença».

De origens humildes, Isilda Pelicano nasceu há 41 anos, em Alfaiates, uma aldeia pequenina da Beira Alta perdida no cimo de um monte, junto à fronteira de Espanha. Ali viveu poucos anos. «Viemos para Lisboa porque os meus irmãos já eram crescidos e os meus pais queriam que eles estudassem e tirassem um curso. Projectaram nos filhos aquilo que nunca conseguiram e essa era a sua máxima ambição».

Foi assim que, aos 16 anos, Isilda pôs de parte o sonho de partir para Paris para desenhar moda e criar modelos e seguiu Filologia Germânica. «A minha mãe, que já tinha um filho engenheiro e outro arquitecto, achava que letras era um curso muito bonito para uma menina». Mas chegada ao terceiro ano da faculdade, a menina não estava nada contente e sentia-se muito frustrada. «Nada daquilo tinha a ver comigo. Sentia que estava sozinha e que ninguém me compreendia».

Sem desistir de Germânicas, Isilda matricula-se no IADE: tira o curso de design de interiores e arranja, logo no primeiro ano, um trabalho num colégio de ensino especial a dar aulas de expressão plástica. «Foram anos muito trabalhosos», recorda. De manhã trabalhava, à tarde ia para o IADE e à noite para a faculdade.

Terminou o IADE no 25 de Abril mas os anos da revolução coadunavam-se pouco com preocupações decorativas. Isilda limitou-se pois a dar o seu apoio em alguns trabalhos gráficos e em muito poucas decorações de interiores. Entretanto mantinha-se no Colégio e procurava desenvolver as suas qualidades pedagógicas. «Mesmo que o que esteja a fazer não seja exactamente a minha paixão, procuro dar o meu melhor».

Inscrive-se no Conservatório e tira um curso de arte dirigido às crianças. «Era a educação através da arte. Eles não saíam ótimos bailarinos ou pintores irresistíveis, mas aprendiam a

integrar a arte no seu crescimento». Finaliza o curso e abre um atelier com uma amiga. «Estávamos muito entusiasmadas e queríamos pôr em prática o que tínhamos aprendido. Mas fomos muito utópicas e só pensámos nas crianças e no seu bem-estar. Esquecemos os pais e esse foi o nosso grande mal. Durou seis ou sete anos mas foi irrealista e, por isso, não vingou».

O atelier faz parte da época em que conheceu o marido e teve os seus dois filhos. «A seguir decidi parar em termos de formação. Precisava de tempo para eles e estava muito responsável no meu papel de mãe. O grande pulo surgiu quando comecei a dar mais aulas de inglês e português e menos de expressão plástica e fui tirar um estágio na minha área. Ai é que foi decisivo. Sentia-me completamente vazia e incapaz de prosseguir». A moda aconteceu, então, por impulso. Isilda deixa definitivamente o ensino e entrega-se, de alma e coração, ao curso de designer de moda do IADE.

Foram longos e sinuosos os caminhos que Isilda teve de percorrer para voltar "a abraçar" o sonho dos seus 16 anos. Para isso contou com o seu espírito combativo e muito possivelmente também com a força dos genes que lhe correm no sangue. Para trás fica a lenda que se conta na aldeia sobre "o pintor" (seu antepassado), o primeiro dos Pelicanos a chegar a Alfaiates. Diz a lenda que, há

muitos, muitos anos, um jovem aventureiro

abandonou fortuna e família no Porto e se foi refugiar em Alfaiates. Ao chegar à aldeia, o jovem ofereceu-se para pintar a igrejinha que se estava a construir, mas os seus modos de senhor não deixavam acreditar que percebesse do ofício. O jovem aguardou, então, que os operários fossem jantar, para pintar, com enorme perfeição, uma mosca na cara do santo. Ao regressarem ao trabalho, os operários nem queriam acreditar no que os seus olhos lhes mostravam. Um por um, tentaram, enxotar a mosca da cara do santo. Em vão, o pintor criou fama e a estória virou lenda... «Quem sai aos seus», diz convicta a avó de Isilda. «não degenera» ■

FERNANDA BIZARRO

Pessoaselle



ESTILISTA PORTUGUESA LEVA "NEW AGE" A AMSTERDÃO

ISILDA PELICANO

À PROCURA DE IDENTIDADE

